

Interseccionalidade, Raça e Sexualidade: Compreensões Para a Velhice de Negros LGBTI+

Intersectionality, Race and Sexuality: Understandings for Black Elderly LGBTI+

Interseccionalidad, Raza y Sexualidad: Comprensiones Para la Vejez de los Ancianos Negros LGBTI+

Mateus Egilson da Silva Alves(1); Ludgleydson Fernandes de Araújo(2)

1 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil.

E-mail: mateusegalves@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5759-8443>

2 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil.

E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-7565>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 12, n. 2, p. 161-178, Julho-Dezembro, 2020 - ISSN 2175-5027

Número Temático: Relações Intergrupais: Preconceito e Exclusão Social

[Submetido: Agosto 31, 2019; Revisão1: Setembro 11, 2019; Revisão2: Fevereiro 19, 2020;

Aceito: Março 26, 2020; Publicado: Agosto 31, 2020]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3517>

Endereço correspondente / Correspondence address

Mateus Egilson da Silva da Alves

Universidade Federal do Delta do Parnaíba/Departamento
de Psicologia. Av. São Sebastião, 2819. Cidade Universitária.
64202020 – Parnaíba, PI – Brasil.

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Elder Cerqueira-Santos

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resumo

Interseccionalidade é o termo cunhado no cerne do movimento feminista antirracista, e atualmente atribuído à conjunção de que formas de exclusão sociais se somam conforme condições identitárias de raça, gênero, sexualidade e classe social. Nessa conjuntura, negros e negras LGBTI+ tipificam agregar múltiplos preconceitos, como racismo e LGBTfobia, que afetam a qualidade de vida e interpõem consequências deletérias para seu envelhecimento, quando a idade surge como outro objeto de aversão social. Buscou-se, então, revisitar a literatura em diversas fontes, principalmente artigos científicos, visando a partir do aporte teórico da interseccionalidade produzir compreensões sobre a velhice de idosos negros LGBTI+. Discute-se que desigualdades raciais e sexuais coadunam com outras variáveis de vulnerabilidade social, ao que negros LGBTI+ obtêm menor acesso a saúde, educação e proteção social, estando mais propensos a marginalização social na velhice que idosos brancos e heterossexuais. Apesar de não serem produzidos dados empíricos sobre o contexto brasileiro da velhice negra LGBTI+, espera-se contribuir para a expansão da literatura gerontológica sobre os aspectos psicossociais do envelhecimento desse grupo, ressaltando-se que políticas públicas devam ser constantemente reforçadas em prol da proteção de minorias sociais. A vista do avanço do envelhecimento populacional como fenômeno irrevogável, plural e dinâmico.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Sexismo, Racismo, Idoso, Minorias Sexuais e de Gênero

Abstract

Intersectionality is a term stressed at the center of the anti-racist feminist movement, and currently attributed to the conjunction of what forms of social exclusion are added according to identity conditions of race, gender, sexuality and social class. In this context, black people LGBTI+ aggregate multiple prejudices, such as racism and LGBTphobia, that affect the quality of life and have deleterious consequences for their aging, when age appears as another object of social aversion. Therefore, sought to revisit the literature from various sources, mainly scientific articles, aiming at the intersectionality theoretical basis to produce understandings about the old age of LGBTI+ black elderly. It was argued that racial and sexual inequalities match with other variables' social vulnerability, whereby black LGBTI + get less access to health, education and social protection, being more prone to social marginalization in old age than white and heterosexual older people. Although empirical data aren't produced on the Brazilian context of LGBTI+ black elderly, it's expected to contribute to the expansion of the gerontological literature on the psychosocial aspects of aging in this group, emphasizing that public policies must be constantly reinforced for protect social minorities. Owing to population aging as the irrevocable, plural and dynamic phenomenon.

Keywords: Intersectionality, Sexism, Racism, Aged, Sexual and Gender Minorities

Resumen

Interseccionalidad es el término acuñado en el centro del movimiento feminista antirracista, y actualmente asignado a comprensión que formas de exclusión social se suman de acuerdo con las condiciones de identidad de raza, género, sexualidad y clase social. Consecuentemente, los negros LGBTI+ agregan múltiples prejuicios, como el racismo y la LGBTfobia, que afectan la calidad de vida y tienen consecuencias perjudiciales para su envejecimiento, cuando la edad es otro objeto de aversión social. Se investigó la literatura, especialmente en los artículos

científicos, con el objetivo de producir entendimientos con la teoría da interseccionalidad sobre la vejez de los ancianos LGBTI+ negros. Se encontró que las desigualdades raciales y sexuales junto con otras variables de vulnerabilidad social, hacen que el LGBTI+ negros tienen menos acceso a la salud, la educación y la protección social, lo que los desfavorece frente a los blancos y los heterosexuales. Aunque no es una investigación empírica sobre la vejez negra LGBTI+ brasileña, se espera que contribuya a la expansión de la literatura gerontológica sobre los aspectos psicosociales del envejecimiento en este grupo, enfatizando que las políticas públicas protejan las minorías sociales. Ante el crecimiento del envejecimiento de la población como fenómeno irrevocable, plural y dinámica.

Palabras-clave: Interseccionalidad, Sexismo, Racismo, Anciano, Minorías Sexuales y de Género

Introdução

Interseccionalidade é um termo cunhado no movimento feminista negro (*black feminisms*) dos Estados Unidos, ainda na década de 1970. Essas mulheres defendiam um pensamento e posicionamento crítico para a formação de identidade e subjetividades a partir do marco de cenários de dominações e hierarquizações de gênero, raça e sexualidade (Henning, 2014, 2015; Oliveira & Ferrari, 2018).

Assim, o conceito de Interseccionalidade se difundiu como síntese da discussão social das vivências sociais sobretudo de mulheres, mas rapidamente assumindo-se como campo teórico para além do cerne das pautas feministas antirracistas, passando a embasar questionamentos ao cruzamento de marcadores sociais de gênero, raça, sexualidade, idade, classe social, que afetam majoritariamente a minorias sociais (Facchini, 2009; Henning, 2015; Moutinho, 2014).

Diante dessa convergência teórica, pode-se alcançar a premissa que envolvem discussões atuais sobre desigualdades e exclusões sociais não se dando isoladamente, bem como critica-se a supremacia produzida historicamente de uma norma superior hierárquica heterossexual, branca e abastada (Fields, Morgan, & Sanders, 2016).

Desse modo, observa-se em diversos âmbitos sociais a predominância de discrepâncias quanto a educação, saúde e trabalho, em que estar em grupo em desvantagem social, como negros e a população LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais), é estar em vulnerabilidade moral por se distanciarem de padrões e condutas socialmente estimados, o que favorece o desenvolvimento de vulnerabilidade física e psicológica (Sanches, Mannes, & Cunha, 2018).

Esse perpasso contextual histórico foi fundamental para a construção da interseccionalidade, como campo teórico que busca relacionar gênero, raça e sexualidade na conquista de direitos (Facchini, 2009). Tal que nos últimos anos passou a vigorar leis que ressaltam a necessidade de diminuir as desigualdades e proteger grupos considerados vulneráveis, como as mulheres, crianças, idosos e negros (Paula, Silva, & Bittar, 2017).

Ainda, assim, apesar da conquista de direitos, permanecem díspares relações hegemônicas entre gênero, raça e sexualidade que revelam que são muitos os desafios a serem superados, reportando para danos decorrentes conforme se estabelecem associações entre segmentos de grupos sociais marginalizados como mulheres, LGBTI+ e negros (Araújo, Fernandes-Eloi, Rabelo, & Silva, 2019; Marcelino, 2016).

O Conselho Federal de Psicologia – CFP, diz que a falta de notoriedade às vivências pouco empoderadas, as vulnerabilidades emocionais e as suscetibilidades psicológicas decorrentes de estigmas sexuais, étnico e raciais, acabam por infringir de forma negativa sobre a subjetividade de pessoas que vivenciam essas realidades (CFP, 2017).

Nesse sentido, as ações no campo da área da saúde, especialmente a nível federal, buscaram intensificar no últimos anos o fortalecimento de políticas de atenção integral

a saúde de grupos específicos, como as populações negras, quilombolas, ciganas, LGBTI+, população em situação de rua e a dos povos do campo, das águas e das florestas (Siqueira, Hollanda, & Motta, 2017).

No entanto, deve se destacar igualmente as discrepâncias *intergrupos*, que apontam para a necessidade de entender “as diferenças nas diferenças” segundo Henning (2014). Como observa-se *per se* na comunidade LGBTI+ com variações identitárias ao longo do curso da vida como “novinhos”, “tiozões”, “bichas velhas”, “irenes”, entre outras expressões (Debert, Simões, & Henning, 2016; Pocahy, 2016).

Algo salientado por Cabanillas (2016) ao propor que negros representam a face mais marginalizada entre LGBTI+, dissolvendo-se em mais distinções quanto a constituição de ser “gay e negro” e ser “lésbica e negra”, que acabam por demonstrar a Interseccionalidade nessas relações e que repercutem ao longo da vida desses indivíduos.

Como evidenciado na pesquisa de Fields, Morgan e Sanders (2016) que diz que por enfrentarem o racismo e estigmas ao longo da vida, homossexuais negros e latinos percebem seu envelhecimento com maior impacto negativo, que entre aqueles brancos e norte-americanos. Fato endossado por Oliveira e Ferrari (2018) no Brasil ao ressaltarem a negação no universo LGBTI+ aos homossexuais negros, a vista que clubes, boates, espaços de confraternização, trajetórias pessoais modelares, imagens, mídia gay, perspectiva de poder, padrões de consumo assumem majoritariamente como referência o homossexual branco.

Estes fatos ressaltam que os chamados “marcadores sociais da diferença” são fatores de risco que perpassam o envelhecimento e velhice com maior afinco entre grupos minoritários (Moutinho, 2014). E acabam por demonstrar que a discriminação e preconceitos para com idosos se intensificam conforme as relações raciais, socioeconômicas, de gênero e sexualidade, repercutindo em maior vulnerabilidade social, psíquica, física, patrimonial, e trabalhista, assim como lança a maior invisibilidade quanto mais pobres, negros e gays são esses idosos (Correia, Rebellato, Takeiti, & Carvalho, 2019; Rabelo, Araújo, Fernandes-Eloi, & Silva, 2019).

Diante do abordado, chega-se a premissa tratada nesse artigo, sendo um trabalho qualitativo, permitido através de uma revisão narrativa em que se objetiva desenvolver teoricamente uma temática. Aqui, sendo utilizado artigos científicos encontrados em bases como SCIELO, Pepsic, Periódicos Capes, além de outras fontes disponíveis. Com o ensejo de se analisar a literatura quanto ao entrelaçamento entre o constructo teórico da interseccionalidade estabelecer condições para pensarmos no fenômeno do envelhecimento populacional, em conjunto a discussões de gênero, raça e sexualidade. Diante da (in)existência social da velhice de pessoas negras LGBTI+, tal como salienta-se a incipiência da literatura nacional que verse sobre o imbricamento dessas temáticas.

Envelhecimento e interseccionalidade: a invisibilidade da velhice LGBTI+

As sociedades contemporâneas vivenciam um dinamismo nunca antes observado com o avanço das tecnologias, da comunicação e da saúde, que se entrelaçam junto a transformação da composição da população com o inédito fenômeno do envelhecimento populacional, consolidado como tendência crescente e acelerada (Moura, 2019; Organização Mundial da Saúde, 2015).

O Brasil não difere desse cenário, de acordo com os recentes levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que projeta que o país pode alcançar a marca dos 57 milhões de idosos até 2042, afunilando com isso estimativas de que antes de 2050 as pessoas acima de 60 anos já ultrapassarão aqueles com idade entre 40 e 59 anos (IBGE, 2018).

Essa nova realidade requer que se reorganize diversos âmbitos sociais entorno de políticas públicas que garantam a proteção e qualidade de vida a idosos, como já se evidencia com a Política Nacional do Idoso, na forma do Estatuto do Idoso, como também a Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos do Idoso (Medeiros, Araújo, Santos, Souza, & Monteiro, 2019; Moura, 2019).

Com isso, são cada vez mais pertinentes estudos voltados à Gerontologia, que aprimoram ideais e concepções estereotipadas relacionados a velhice, mas verificando-se que persistem desafios como a necessidade de mais pesquisas que se destinem a expandir os conhecimentos em uma Gerontologia Educacional, que exigem esforços humanos e estruturais em torno da amplitude de temáticas gerontológicas (Anjos, Gomes, Oliveira, & Silva, 2019).

Ainda assim, pouco se evidencia sobre a velhice de idosos LGBTI+ e negros, prevalecendo ainda o que Henning (2014) denomina de “panorama heteronormativo sobre a velhice”, de modo, que se privilegia uma representação de envelhecimento alinhada a construção de ideais sociais *mainstream*s (heterossexuais e cisgêneros), que acabaram assentando a idealização dos “velhos universais” (Henning, 2017).

Apenas recentemente que se destinou a entender a velhice de idosos LGBTI+, podendo se formular um campo teórico para o envelhecimento dessas pessoas, ao que Henning (2014, 2017) chama de “Gerontologia LGBT” ou “Velhice LGBT”. Nesse interim, estes e alguns outros poucos estudos nacionais buscam abordar a velhice LGBTI+, expandindo os conhecimentos já atravessados sobre velhice, envelhecimento e homossexualidades e destacando a invisibilidade social que permeia a velhice de idosos LGBTI+ (Araújo & Fernández-Rouco, 2016; Araújo & Carlos, 2018; Jesus, Santos, Araújo, Salgado, & Fonseca 2019; Medeiros et al., 2019; Salgado et al., 2017).

Esses estudos contribuem para o entrelaçamento entre interseccionalidade, sexualidade e envelhecimento, ao demonstrarem que a velhice de pessoas

homossexuais, juntamente com outros grupos minoritários, é marcada pela pouca discussão sobre suas condições de vida se comparadas a de outros grupos sociais em maior evidência (Scherrer & Fedor, 2015). Fato que recai para a maior necessidade de assistência durante o envelhecimento, ao receberem o menor apoio social diante de uma hierarquia heteronormativa tradicional de mesma coorte heterossexual (Orel & Fruhauf, 2015; Vries et al., 2019).

Dessa forma, desvelam-se que as condições psicossociais diminutas entre LGBTI+ são determinantes para seu envelhecimento, quando o acesso a serviços essenciais em comparação entre pares se dá singularmente quanto a saúde, escolaridade, grau socioeconômico, religiosidade, entre outros, que aludem para as vicissitudes e impactos ao longo da vida dessas pessoas (Vries et al., 2019).

Essa realidade reflete-se enquanto maior neste grupo o uso abusivo de álcool, tornando-os mais vulneráveis a doenças físicas e psicológicas, que se agravam com o sentimento de desamparo e solidão, quando o apoio social e familiar é pouco ou até inexistente (Araújo & Carlos, 2018; Jesus et al., 2019; Fredriksen-Goldsen & Vries, 2019; Medeiros et al., 2019; Salgado et al., 2017), além de apresentarem maiores comportamentos de risco, como o suicídio, agravando índices já alarmantes para essa faixa etária (Santos et al., 2019).

Daí, que devam ser enfaticamente reiterados a necessidade de discussão sobre o caráter de preconceitos e estigmas sobre a velhice LGBTI+ (Jesus et al., 2019; Medeiros et al., 2019), quando, ademais, a concepção de práticas antissemitas, racistas, sexistas e LGBTIQfóbicas são fenômenos adjacentes como propõem Silva, Kopstein e Goerch (2019). Entende-se com isso que as repercussões que acompanham o envelhecimento se dão envoltas interseccionalmente acompanhando a profusão de diversas relações (gênero, raciais, classe, geração) que perpassam o cotidiano das pessoas e alcançam suas relações grupais (Araújo et al., 2019).

Negro, idoso e LGBTI+: aspectos psicossociais e interseccionais

Fredriksen-Goldsen (2017) diz que por muitas décadas as pessoas LGBTI+ estiveram nas “sombras”, ou popularmente em “armários”, de modo que os impactos dessa condição, produziu uma invisibilidade sobre o envelhecimento e velhice de pessoas LGBTI+, da qual pouco se sabe ainda. Nesse sentido, quando se interseccionam sexualidade, raça e envelhecimento, já se espera que a superposição de estereótipos e estigmas acompanhem o curso da vida, de modo que os idosos negros LGBTI+ apresentam questões únicas na velhice.

No entanto, pouco se sabe sobre a velhice de pessoas negras LGBTI+, de maneira que a invisibilidade da velhice LGBTI+ se estende com mais afinco quanto a de idosos negros LGBTI+. Assim, a integração entre envelhecimento à temáticas como

sexualidade, raça e gênero ainda são campos de estudo pouco explorados, em muito devido ao tabu observado a esses temas desde os círculos sociais aos acadêmicos (Crenittea et al., 2018; Lima & Leite, 2018).

Esse debate, entretanto, é uma pauta que vem ganhando questionamentos como em “Queer Is the New Black? Not So Much: Racial Disparities in Anti-LGBTQ Discrimination”. Em publicação recente, Whitfield, Walls, Langenderfer-Magruder e Clark (2014), cuja pertinência dá-se quando são cada vez mais oportunas inserções críticas a hegemonias que produzem disparidades que não se dão isoladamente, ao que ações racistas, sexistas e homofóbicas são perpassadas por longos processos históricos discriminatórios para com essas identidades (Conrado & Ribeiro, 2017).

Nesse sentido, a interseccionalidade pode contribuir para a compreensão dos aspectos psicossociais do envelhecimento de negros LGBTI+ ao longo da vida, em diferentes locais e culturas. Evidente quando Woody (2014) aborda que entre a população americana, negros e LGBTI+, ocupam proporções parecidas, no entanto, tratando-se da representação de idosos com esses marcadores, estes são quase imperceptíveis.

Esse cenário de invisibilidade é descrito como presente em outros países do globo segundo Fredriksen-Goldsen e Vries (2019). Bem como no Brasil, sendo recentes as pesquisas brasileiras que descrevam a qualidade de vida e condições de envelhecimento de idosos LGBTI+ (Araújo et al., 2019). Concomitante a isso, entretanto, são escassos estudos voltados para a velhice de negros LGBTI+ no contexto brasileiro, entendendo-se mais sobre a longevidade desse grupo a partir da literatura internacional.

Ainda assim, sabe-se que as imbricações entre raça e desigualdade são emergentes diante da crescente longevidade de idosos mundialmente, despertando para a falta de pesquisas que buscam traçar interseccionalmente o envelhecimento LGBTI+, a vista da exclusão e preconceitos contra idosos (Rabelo et al., 2019). Vislumbra-se, assim, que estar associado a vários eixos ou categorias de opressão é, por conseguinte, estar mais vulnerável a violências que revelam em absoluto em como contextualizamos os sujeitos LGBTI+ que se está discutindo (Silva & Muzzeti, 2019).

Assim, idosos negros LGBTI+ experimentam desafios mais complexos que os de mesma coorte branca e de mesma orientação sexual (Kum, 2017). A união entre heterossexismo, poder econômico e favorecimento racial, ajudam a entender como se desenvolvem preconceitos e discriminações estabelecidos a classes sociais minoritários, tornando-se preponderantes para o envelhecimento dessas populações (Kim, Jen, & Fredriksen-Goldsen, 2017).

Tais discrepâncias entre grupos, podem ser observadas mesmo em países desenvolvidos socioeconomicamente, a exemplo do contexto norte-americano, em que desigualdades, sobretudo quanto à saúde, são enfrentadas por idosos negros LGBTI+ com maior tenacidade. De modo que: são mais propensos a doenças físicas e mentais; estes obtêm menos benefícios sociais, ocupando as camadas menos favorecidas economicamente, mais facilmente tornando-se pessoas em situação de rua; negros

idosos possuem menos condições de habitarem áreas privilegiadas; mulheres negras são subordinadas a obterem menos privilégios que mulheres brancas (Datta, Bialer, & McIntosh, 2017; Fields, Morgan, & Sanders, 2016).

No contexto brasileiro, apesar de sua formação social mista, o preconceito racial institucionalizado é fator preponderante quando contrapõem-se severamente os dados em educação, saúde e proteção socioeconômica para a população negra brasileira (aqueles autodeclarados pretos e pardos), ainda que, constituindo maioria populacional (IBGE, 2015; Rabelo et al., 2019).

Na educação negros são mais incidentes entre as taxas de analfabetismo, com os jovens possuindo menor frequência escolar e acesso ao ensino superior; fato endossado ao se associar que negros são os maiores pobres entre a população, ocupando as faixas mais baixas de renda e menos postos de trabalho, em consequente alcançando menor proteção da previdência social (Araújo, Silva, Rocha, Rabelo, & Gomes, 2018).

A violência urbana associada ao racismo mata negros no Brasil todos os dias (Conrado & Ribeiro, 2017). Projeta-se um cenário de genocídio da população negra brasileira, em que as mulheres negras e os jovens negros são os mais afetados, ao representarem 73% das taxas entre pessoas assassinadas; dados alarmantes quando analisados em conjunto estimativas que pretos e pardos configuram o maior contingente da população carcerária nacional, esta já sendo a 4ª maior do mundo (Madeira & Gomes, 2018).

Iniquidades em saúde afetam negros mais acentuadamente, em que estes sofrem com menor acesso a serviços de saúde, que explicam serem maiores os índices de mortalidade hospitalar entre pessoas adultas negras e entre idosos negros, que morrem em maior proporção em razão de deficiências permanentes desde a atenção primária (Araújo et al., 2018). Nesse contexto, negros e minorias sexuais e de gênero, são os mais afetados por práticas discriminatórias e excludentes na área da saúde (Pina-Oliveira et al., 2019).

Percorrendo essa realidade, percebe-se que a síntese de marcos de desigualdades sociais reverberam com agravo para o curso da vida de negros em maior evidência que brancos, demonstrando que o racismo atua para a defesa da permanência de um *status quo*, como fator de exclusão étnico-racial, psicossocial e socioeconômico em uma sociedade racista (CFP, 2017).

Racismo e LGBTfobia: desafios interseccionais para o envelhecimento negro LGBTI+

Diante do marco da interseccionalidade, o racismo traduz-se como mecanismo que não se dá isolado, agindo como solo fértil em conjunto a outros preconceitos sociais de gênero e sexualidade. Estes produzem barreiras simbólicas e efetivas,

que entre suas consequências isolam expressões distintas dos padrões valorizados socialmente, tornando-os periféricos e vulneráveis conforme os indivíduos se destoam dessas figuras (Conrado & Ribeiro, 2017; Sena & Souto, 2017).

Por meio da tentativa de silenciamento/exclusão de minorias sociais, expressa-se também as fragilidades associadas a hegemonias heteronormativas (binarismo sexual e de gênero) demonstrando que a sobreposição de vitimizações exacerba a vulnerabilidade de grupos sociais, de modo que o racismo, sexismo, pobreza ou credo se agregam a orientação sexual e/ou identidade de gênero já estigmatizados (Parente, Moreira, & Albuquerque, 2018). Nessa perspectiva, desdobram-se como desafios interseccionais agravantes a velhice da população negra LGBTI+, o racismo e LGBTfobia, eixos historicamente associados a desigualdades e exclusão social no Brasil, sendo imprescindível atentarmos para os efeitos decorrentes dessas intersecções para o envelhecimento da população negra (Araújo et al., 2018; Marcelino, 2016).

Santos (2017, p. 17) define a LGBTfobia “como forma de ódio às pessoas que não seguem os padrões da heteronormatividade – heterossexualidade – como única orientação sexual que deve ser aceita e, tampouco aceitam outros padrões de sexualidades, inclusive de gênero” tendo como público alvo pessoas da comunidade LGBTI+. Para esse autor a LGBTfobia se institucionalizou culturalmente, tal como o sexismo e o racismo, quando busca domesticar as sexualidades humanas e estabelecer regras por meio da violência, simbólica ou física, evidenciadas por atos que vão desde a injúria a extremismos como o homicídio.

Estatísticas promovidas pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH-PR) apontam que violências LGBTfóbicas matam um 1 homossexual a cada dois dias no Brasil, não compondo essa contagem as subnotificações (Brasil, 2018). O perfil de vítimas LGBTI+ que sofrem violência também destaca-se, em que os homossexuais estereotipados como afeminados, e as pessoas autodeclaradas pretas, notadamente os da região nordeste, são as mais vitimadas por ataques LGBTfóbicos e transfóbicos (Parente, Moreira, & Albuquerque, 2018).

Catelan et al. (2019) trazem que no âmbito escolar os preconceitos, estereótipos e discriminações se perpetuam quando se mascaram ao reafirmarem uma dita “anormalidade” atribuída a diversidade de gênero e sexualidade no ambiente escolar, agravando-se quão mais associado a feminilidade para os meninos e a masculinidade para as meninas.

Essa sobreposição estereotipada de gênero e sexualidade quando relacionados a pessoa negra revelam que neste grupo ainda prevalecem “ficções e definições prevalecentes” segundo Conrado e Ribeiro (2017). Para os autores se reafirma cotidianamente uma espécie de psicologia coletiva, que considera apenas a figura do “negro legítimo”, na forma do homem negro sendo reconhecido pela exacerbação físico-genital, incompletude intelectual e dotado para à agressividade e labor, em

virtude de formação e qualificação escolar. Tal como espera-se que a mulher negra mantenha-se hipersexualizada e excepcionalmente heterossexual, negligenciando-se qualquer espécie de sexualidade lésbica (Cabanillas, 2016; Marcelino, 2016).

Essa perspectiva acaba por destinar a todos aqueles gays negros, lésbicas negras e demais LGBTs negros e negras, o uso do modelo branco ocidental como referencial para suas experiências e subjetividades, tornando-se descaracterizados em uma heterossexualidade homogênea, e em uma branquidade monolítica que privilegia o branco como padrão nas relações sociais (Conrado & Ribeiro, 2017). Nessa medida, espera-se também que o envelhecimento e a velhice ergam-se a partir de pressupostos hétero-cis-normativos, tornando invisíveis diversidades e pluralidades entre a população idosa (Crenittea, Miguel, & Filho, 2018).

Pensar interseccionalmente a formação de determinantes sociais que demarcam diferenças entre minorias, surge então como forma de orientação para o enfrentamento por meio de políticas públicas que visem dirimir as consequências de violências e desigualdades, com planos e programas que reconheçam genealogias diferenciadas de sexualidade, de gênero, idade e raça (Muelle & Ramírez, 2014). Concernente as políticas públicas destinadas a proteção social de populações vulneráveis, houveram avanços no âmbito político e judiciário, que passaram a resguardar o combate a crimes oriundos de discriminações a grupos de maior vulnerabilidade social como crianças, idosos, mulheres, negros e indígenas (Paula, Silva & Bittar, 2017).

Destacava-se, entretanto, até então, que apenas os crimes cometidos à comunidade LGBTI+ não eram penalizados, mesmo que não sendo evidenciadas motivações aparentes. Fato que veio a ser corroborado na decisão do Supremo Tribunal Brasileiro (STF) que entendeu que o estado brasileiro em seu parlamento foi omissor em criminalizar atos de natureza homofóbica e transfóbica, passando a tipificá-los no artigo 20 da Lei 7.716/1989, a lei antiracismo (Brasil, 2019).

Dessa forma, à decisão do STF une-se a outras medidas que buscam e reiteram a necessidade de equidade a população LGBTI+, como a Política Nacional de Saúde Integral LGBTI (Brasil, 2011), que fundamenta a atuação dos profissionais no Sistema Único de Saúde (SUS) para a promoção de vida e saúde através de cuidado universal, integral e equitativo diante da complexa articulação entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero, orientação ou práticas afetivas e sexuais (Pina-Oliveira et al., 2019).

Tal como inferem outras políticas públicas destinadas a equiparar o acesso com equidade no SUS a negros, idosos, mulheres, como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e a Política Nacional de Atenção Integral À Saúde da Mulher (Brasil, 2007, 2006, 2004). Desse modo, ao se debater o direito à saúde de minorias sociais, se reconhece a necessidade de abarcar as especificidades em cada grupo. Ainda que, mais esforços devam ser

demandados, como para o envelhecimento de negros e negras LGBTI+, em que a compreensão da interseccionalidade entre gênero, raça, sexualidade como aspectos intervenientes durante o curso da vida, pode contribuir para melhores condições de vida nessa fase da vida.

Considerações Finais

Engana-se quem insiste afirmar que não existe racismo no Brasil. A contramão, os dados apontam que o racismo, como decorrente de um longo processo histórico de escravidão, ainda é uma realidade percebida nas discrepâncias no acesso a saúde, educação, condições econômicas, no encarceramento em massa e na mais alta taxa de mortes entre os jovens brasileiros. Fatos contundentes e a muito criticados, como em *A Carne*, de Elza Soares, que diz: a carne mais barata do mercado é a carne negra.

Esse perpassa histórico, não exclusivo de nossa história, no entanto, embasou a luta por igualdade entre as mulheres negras norte-americanas, quando percebe-se que as opressões a gênero e raça não se distanciavam, mas descreviam supremacias que afligiam ainda mais as mulheres negras, produzindo discussões que alicerçavam o marco da interseccionalidade como campo teórico. Assim como impulsionava ao movimento LGBTI+ que ganhava expressão questionando o preconceito e discriminações quanto à orientação sexual.

A partir das imbricações desses movimentos e à luz da interseccionalidade, sabe-se que formas de exclusão sociais a condições identitárias como negros, LGBTI+ e mulheres, agregam múltiplos estigmas, preconceitos e discriminações que afetam a qualidade de vida e repercutem para o envelhecimento desses indivíduos, quando a idade soma-se como outro objeto de aversão social.

Esses cenários levam a invisibilidade social desses indivíduos, e imprimem que a velhice LGBTI+ de pessoas negras possuem especificidades ainda maiores, ao desafiar o preparo das instituições para lidar com esses idosos. Estimativas revelam que a união de desigualdades étnico-raciais e sexuais, produzem iniquidades em saúde, educação e no perfil socioeconômico, que levam idosos negros LGBTI+ a estarem mais propensos a marginalização social que idosos brancos e heterossexuais.

Diante dessa realidade, buscou-se a partir do aporte teórico da interseccionalidade produzir compreensões sobre a velhice de idosos negros LGBTI+, esperando-se contribuir para a expansão da literatura gerontológica que verse sobre o envelhecimento de faces menos visibilizadas, a vista do envelhecimento populacional ser um fenômeno irrevogável, plural e dinâmico.

Ainda que não se tenha produzidos dados empíricos sobre o contexto brasileiro da velhice negra LGBTI+, apreende-se que as desigualdades raciais coadunam com a de outros grupos em vulnerabilidade social no Brasil. Bem como ressalta-se que as

políticas públicas devam estar sendo constantemente reforçadas em prol da proteção de minorias sociais, conscientizando como um desafio de todos os âmbitos sociais, o combate a preconceitos sejam por idade, raça, cor, gênero e sexualidade.

Referências

- Anjos, J. S. M., Gomes, L., Oliveira, M. L. C., & da Silva, H. S. (2019). Atitudes sobre a Velhice: Infância, Adolescência, Avós e a Intergeracionalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 147-165. doi: 10.18256/2175-5027.2019.v11i2.2954
- Araújo, L. F., & Carlos, K. P. T. (2018). Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 8(1), 218-237. doi: 10.26864/PCS.v8.n1.10
- Araújo, L. F., & Fernández-Rouco, N. (2016). Idosos LGBT: Fatores de risco e proteção. In: D. V. S. Falcão, J. S. Pedroso, & L. F. Araújo (orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (Cap. 8, pp. 129-138). Campinas: Alínea.
- Araújo, L. F., Fernandes-Eloi, J., Rabelo, D. F., Silva, J. (2019). As vulnerabilidades da velhice LGBTTTQI: as repercussões psicossociais e as formas de exclusão social. In: Cerqueira-Santos, E., & L. M., Maia (orgs), *Preconceito e exclusão social: estudos em psicologia no Brasil* (cap. 9). Teresina: EDUFPI.
- Araújo, L. F., Silva, J., Rocha, N. M F. D., Rabelo, D. F., & Gomes, H. V. (2018). Racismo e envelhecimento da população negra. *Revista Kairós-Gerontologia*, 21(3), 193-215. Retrieved from <http://200.144.145.24/kairos/article/view/44428>
- Brasil. (2004). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes*. Brasília: MS. Retrieved from http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf
- Brasil. (2006). Lei nº 2.528, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília: MS. Retrieved from <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/2528aprovaapoliticanacionaldesaudeapessoaidosa.pdf>
- Brasil. (2007). Ministério da Saúde (MS). *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra*. Brasília: MS. Retrieved from http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf
- Brasil. (2011). Ministério da Saúde. Portaria n. 2.836, de 01 de dezembro de 2011. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT)*. Brasília: MS. Retrieved from http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf
- Brasil. (2018). *Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência*. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos. Retrieved from <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia>
- Brasil. (2019). *Supremo Tribunal Federal RE. 573061 ES. Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26*, de relatoria do ministro Celso de Mello, e do Mandado de Injunção (MI) 4733 relatado pelo ministro Edson Fachin. Retrieved from <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>

- Catelan, R. F., Bercht, A. M., Pase, P. F., Stucky, J. L., Chinazzo, I. R., Vezzosi, J. I. P. ... Costa, A. B. (2019). Diversidade sexual e de gênero: modelos teóricos de pesquisas recentes no Brasil. In: Cerqueira-Santos, E., L. M. Maia (orgs), *Preconceito e exclusão social: estudos em psicologia no Brasil* (cap. 5). Teresina: EDUFPI.
- Conrado, M., & Ribeiro, A. A. M. (2017). Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 73-97. doi: 10.1590/1806-9584.2017v25n1p73
- Conselho Federal de Psicologia, CFP. (2017). *Relações Raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os*. Brasília: CFP.
- Cabanillas, N. (2016). Normalizar la existencia lesbiana. *Revista Estudos Feministas*, 24(3), 941-958. doi: 10.1590/1806-9584-2016v24n3p941
- Correia, R. L., Rebellato, C., Takeiti, B. A., & Carvalho, C. R. A. (2019). Género, sexualidade y envejecimiento en la Terapia Ocupacional. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, 19(1), 109-124. doi: 10.5354/0719-5346.2019.53686
- Crenitte, M. R. F., Miguel, D. F., & Jacob Filho, W. (2019). Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. *Geriatr., Gerontol. Aging (Impr.)*, 13(1), 50-56. doi: 10.5327/Z2447-211520191800057
- Datta, V., Bialer, P. A., & McIntosh, C. A. (2017). Queerly invisible: LGBTQ people of color and mental health. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 21(3), 191-193. doi: 10.1080/19359705.2017.1320889
- Debert, G. G., Simões, J. A., & Henning, C. (2016). Entrelaçando gênero, sexualidade e curso da vida: apresentação e contextualização. *Sociedade e Cultura*, 19(2), 3-12. Retrieved from: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/48680>
- Facchini, R. (2009). Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 3(04). Retrieved from: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>
- Fields, E., Morgan, A., & Sanders, R. A. (2016). The Intersection of Sociocultural Factors and Health-Related Behavior in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth: Experiences Among Young Black Gay Males as na Example. *Pediatric Clinics of North America*, 63(6), 1091-1106. doi: 10.1016/j.pcl.2016.07.009
- Fredriksen-Goldsen, K. I. (2017). Dismantling the Silence: LGBTQ Aging Emerging From the Margins. *The Gerontologist*, (57)1, 121-128. doi: 10.1093/geront/gnw159
- Fredriksen-Goldsen, K., & de Vries, B. (2019). Global Aging With Pride: International Perspectives on LGBT Aging. *The International Journal of Aging and Human Development*. doi: 10.1177/0091415019837648
- Henning, C. E. (2014). *Paizões, tiozões, e tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo* (Tese de doutorado, Universidade estadual de Campinas, São Paulo, Brasil). Retrieved from http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281147/1/Henning_CarlosEduardo_D.pdf

- Henning, C. E. (2015). Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações, Revista de Ciências Sociais*, 20(2), 97-128. doi: 10.5433/2176-6665.2015v20n2p97
- Henning, C. E. (2017). Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, 23(47), 283-323. doi: 10.1590/s0104-71832017000100010
- Jesus, L. A., Santos, J. V. O., Araújo, L. F., Salgado, A. G. A. T., Fonseca, L. K. S. (2019). Las representaciones sociales de la vejez LGBT entre los profesionales del Programa Estrategia de la Familia (PEF). *Summa Psicológica UST*, 16(1), 27-35. doi: 10.18774/0719-448x.2019.16.410
- Kim, H. J., Jen, S., & Fredriksen-Goldsen, K. I. (2017). Race/Ethnicity and Health-Related Quality of Life Among LGBT Older Adults, *The Gerontologist*, 57(1), 30–39. doi: 10.1093/geront/gnw172
- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. (2015). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE. Retrieved from <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. (2018). *Projeção da População (revisão 2018)*. Rio de Janeiro: IBGE. Retrieved from <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=o-que-e>
- Lima, R., & Leite, F. Jr. (2018). Sexualidade e envelhecimento: dilemas do corpo masculino. *Revista Sustinere*, 6(1), 106-133. doi: 10.12957/sustinere.2018.31251
- Marcelino, S. R. S. (2016). Entre o racismo e a lesbofobia: relatos de ativistas negras lésbicas do Rio de Janeiro. *Revista Gênero*, 16(2). Retrieved from <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/798>
- Medeiros, E. D., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Souza, T. C., & Monteiro, R. P. (2019). Attitudes towards Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Old Age Scale (EAFV- LGBT): Elaboration and psychometric evidence. *The Spanish Journal of Psychology*, 22(14), 1-8. doi: 10.1017/sjp.2019.14
- Madeira, Z., & Gomes, D. D. O. (2018). Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, (133), 463-479. doi: 10.1590/0101-6628.154
- Moura, E. C. S. (2019). Envelhecimento, Proteção Social E Desigualdade No Brasil. In: A. S. Barroso, A. Hoyos, H. S. Silva, & I. Fortunato (orgs.), *Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento* (cap. 13, pp. 175-180). São Paulo: Edições Hipótese.
- Moutinho, L. (2014). Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, (42), 201-248. doi: 10.1590/0104-8333201400420201

- Muelle, C. E., & Ramírez, J. A. B. (2014). Interseccionalidad y políticas públicas LGBTI em Colombia: usos y desplazamientos de una noción crítica. *Revista de Estudios Sociales*, (49), 19-32. Retrieved from http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2014000200003&lng=en&tlng=es
- Organização Mundial da Saúde. (2015). *Informe mundial sobre el envejecimiento y la salud*. Genebra: OMS. Retrieved from http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186466/1/9789240694873_spa.pdf
- Orel, N. A., & Fruhauf, C. A. (2015). The Intersection Of Culture, Family, And Individual Aspects. In: N. A. Orel, & C. A. Fruhauf (Orgs.). *The lives of LGBT older adults: Understanding challenges and resilience* (pp. 3-24). Washington, DC: American Psychological Association.
- Oliveira, D. A., & Ferrari, A. (2018). Interseccionalidade, gênero, sexualidade e raça: os desafios e as potencialidades na invenção de outros currículos. *Diversidade e Educação*, 6(1), 21-29. doi: 10.14295/de.v6i1.8234
- Paula, C. E. A., Silva, A. P., & Bittar, C. M. L. (2017). Vulnerabilidade legislativa de grupos minoritários. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(12), 3841-3848. doi: 10.1590/1413-812320172212.24842017
- Parente, J. S., Moreira, L. S. F. T., Albuquerque, G. A. (2018). Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. *Revista de Salud Pública*, 20(4), 445-452. doi: 10.15446/rsap.V20n4.62942
- Pina-Oliveira, A. A., Faria, J. G. A., Apostolico, M. R., Osis, M. H. D., Sousa, M. H., & Puggina, A. C. (2019). Complementaridades entre análise temática e lexical sobre abordagens das minorias sexuais e de gênero na graduação em saúde. *CIAIQ*, 2, 1647-1654. Retrieved from <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2388>
- Pocahy, F. (2016). Gênero, sexualidade e envelhecimento: (micro) políticas de subjetivação e educação. *Em Aberto*, 29(95), 145-158. Retrieved from <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2742>
- Rabelo, D. F., Araújo, L. F., Fernandes-Eloi, J., Silva, J. (2019). Preconceito contra pessoas idosas e exclusão social: aspectos familiares e psicossociais. In: Cerqueira-Santos, E., & L. M. Maia (orgs), *Preconceito e exclusão social: estudos em psicologia no Brasil* (cap. 11). Teresina: EDUFPI.
- Salgado, A. G. A. T., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Jesus, L. A., Fonseca, L. K. S., & Sampaio, D. S. (2017). Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciências Psicológicas*, 11(2), 155-163. doi: 10.22235/cp.v11i2.1487
- Sanches, M. A., Mannes, M., & Cunha, T. R. (2018). Vulnerabilidade moral: leitura das exclusões no contexto da bioética. *Revista Bioética*, 26(1), 39-46. doi: 10.1590/1983-80422018261224

- Santos, E. D. G. M., Rodrigues, G. O. L., Santos, L. M., Alves, M. E. S., Araújo, L. F., & Santos, J. V. O. (2019). Suicide between elderly in Brazil: a literature review of the last 10 years. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 9(1), 205-220. doi: 10.26864/pcs.v9.n1.12
- Santos, J. P., Jr. (2017). *LUTO COMO LUTA. A expressão do pesar nas mídias digitais como enfrentamento à LGBTFOBIA*. (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal Do Piauí, Parnaíba, Brasil).
- Sena, A. G. N., & Souto, K. M. B. (2017). Avanços e desafios na implementação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 11(1), 09-28. doi: 10.18569/tempus.v11i1.1923
- Scherrer, K. S. & Fedor, J. P. (2015). Family issues for LGBT older adults. In: N. A. Orel, & C. A. Fruhauf (Orgs.). *The lives of LGBT older adults: Understanding challenges and resilience* (pp. 171-192). Washington, DC: American Psychological Association.
- Siqueira, S. A. V., Hollanda, E., & Motta, J. I. J. (2017). Políticas de Promoção de Equidade em Saúde para grupos vulneráveis: o papel do Ministério da Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(5), 1397. doi: 10.1590/1413-81232017225.33552016
- Kum, S. (2017). Gay, Gray, Black and Blue: an Examination of Some of the Challenges Faced by Older LGBTQ People of Color, *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 21(3), 228-239. doi: 10.1080/19359705.2017.1320742
- Silva, B. L., Kopstein, M. A., & Goerch, A. B. (2019). Políticas públicas para o Grupo LGBTIQ: um estudo sobre os governos brasileiros de 1995-2010. *Revista Jurídica Cesumar-Mestrado*, 19(1), 275-300. doi: 10.17765/2176-9184.2019v19n1p275-300
- Silva, R., & Muzzeti, L. (2019). Homofobia, Psicologia E Condições De Subalternidade. *Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco*, 9(18), 53-70. Retrieved from <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/441>
- Vries, B., Gutman, G., Humble, A., Gahagan, J., Chamberland, L., Aubert, P., ... , & Mock, S. (2019). End-of-Life Preparations Among LGBT Older Canadian Adults: The Missing Conversations. *The International Journal of Aging and Human Development*, 1-22. doi: 10.1177/0091415019836738
- Whitfield, L. D., Walls, N. E., Langenderfer-Magruder, L., & Clark, B. (2014). Queer Is the New Black? Not So Much: Racial Disparities in Anti-LGBTQ Discrimination, *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 26(4), 426-440. doi: 10.1080/10538720.2014.955556
- Woody, I. (2014). Aging Out: A Qualitative Exploration of Ageism and Heterosexism Among Aging African American Lesbians and Gay Men. *Journal of Homosexuality*, 61(1), 145-165. doi: 10.1080/00918369.2013.835603